

UM CHARLATÃO OU UM NEGADOR? QUESTÕES SOBRE O NARRADOR E A
REPRESENTAÇÃO DO OUTRO DE CLASSE EM A *HORA DA ESTRELA* DE
CLARICE LISPECTOR*

A GABBLER OR QUESTIONS ABOUT THE NARRATOR AND THE
REPRESENTATION OF THE OTHER OF CLASS IN A *HORA DA ESTRELA* BY
CLARICE LINSPECTOR

Carlos Augusto Moraes Silva**

Resumo: Publicado em 1977, *A Hora da Estrela* é a única obra de Clarice Lispector em que a autora enfatiza aspectos da realidade objetiva e manifesta uma intenção explicitamente social, embora não seja esta a dimensão mais valiosa do texto. Neste romance singular, o narrador clariceano revela em seu discurso uma insatisfação com os modelos literários instituídos, fazendo de sua narrativa um constante questionamento e uma avaliação quase sempre negativa do papel e da função da literatura. Nosso objetivo, portanto, neste ensaio, é refletir sobre a possibilidade de o narrador Rodrigo S.M., por meio da representação estética, divisar, mesmo que de relance, a alteridade do Outro de Classe, especificamente a personagem Macabéa.

Palavras-chave: literatura; representação; outro de classe.

Abstract: Published in 1977, *A hora da Estrela* is the only Clarice Lispector work in which the author emphasizes objective reality aspects and shows an explicit social intention, even though that is not the most valuable text dimension. In this singular novel the “claricean” narrator reveals in its discourse a dissatisfaction with the instituted literary models, making the narrative a constant questioning and an almost always negative evaluation of the role and literature function. Our objective, therefore, in this essay, is to reflect about the possibility of Rodrigo S.M., the narrator, through his esthetical representation, overlook, at a glance, *the Other of class*, specifically the character Macabéa.

Key words: literature; representation; other of class.

Em seu instigante texto “Posição do narrador no romance contemporâneo” Theodor W. Adorno (2008) discute os limites do romancista e sua obra, observando que o romance deveria se concentrar naquilo que não é possível dar conta por meio do relato. Tecendo um paralelo entre o romance e as outras artes, como por exemplo, a pintura, o ensaísta nos faz a

* A versão inicial deste texto foi apresentado como trabalho final para a disciplina “Formação da Literatura Brasileira”, ministrada pelas professoras Doutoras Ana Laura dos Reis Corrêa e Deane Maria Fonsêca, do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB.

** É Mestrando em Teoria Literária pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente, é professor de Teoria da Literatura e de Literaturas de Língua Portuguesa na UNIDESC (Centro Universitário de Desenvolvimento do Centro-Oeste). E-mail: gutolitera@gmail.com

seguinte advertência: “a emancipação do romance em relação ao objeto foi limitada pela linguagem, já que esta ainda constrange à ficção do relato” (ADORNO, 2008, p.56). Neste texto revelador, Adorno prenuncia uma crise que perpassa o romance moderno, a crise da representação, que coloca em xeque os limites da linguagem, do texto e do próprio ato de narrar.

Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector, amparada por um talento estilístico singular, trilha um caminho oposto em relação ao romance tradicional que enfoca o “convencer”, este narrador tenta envolver o leitor de modo que ele acredite no seu “contar de acontecimentos”. O mesmo não acontece na obra de Lispector, seu narrador, Rodrigo S.M, por meio de uma postura performática e de uma corrosiva ironia, revela o engodo presente nas malhas do discurso literário e coloca sob suspeita sua própria narrativa como representação da vida anônima e miserável de uma nordestina perdida na grande metrópole.

Evidentemente, Clarice Lispector não é a primeira a questionar os limites do artista e da obra literária como representantes de uma determinada realidade. Perfazendo a evolução de nossa tradição ficcional, é possível notar tal posicionamento em autores como Machado de Assis e Graciliano Ramos. Estes escritores, cada um a seu modo, já exerciam esta espécie de “autoquestionamento”, já avaliavam os meios e as formas de expressão de que dispunham problematizando as contradições existentes dentro e fora da obra literária. Portanto, como bem lembra Luís Bueno (2001) em seu artigo: *Guimarães, Clarice e Antes*, as inovações apresentadas pela obra de Clarice Lispector, não surgiram do nada como se pairassem acima de tudo que havia sido produzido até então. Para o ensaísta, basta um estudo mais criterioso sobre o romance de 30 para que se perceba que o sistema literário brasileiro estava pronto para o surgimento de autores como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Ainda pela perspectiva do crítico tais equívocos:

Dão forma à uma espécie de lugar-comum da história literária brasileira deste final de século, que, mais do que canonizar Clarice Lispector e Guimarães Rosa como os grandes nomes de nossa ficção no século XX, tende a isolá-los como si, demiurgos de si mesmos, pairassem isolados sobre nosso ambiente literário totalmente desconectados das experiências anteriormente feitas no campo da prosa em nossa sempre criticável tradição literária... (BUENO, 2001, p.250)

Portanto, Clarice Lispector fala de dentro de uma tradição, de um “sistema literário”, expressão cara a Antônio Cândido (2000) em seu *Formação da Literatura Brasileira*. Assim, é lícito afirmar que a autora de *Perto do coração selvagem*, ao seu modo, é herdeira e ao mesmo tempo transgressora, da chamada “literatura interessada” que perpassa toda a

historiografia literária brasileira. Tradição inicialmente representada pelos árcades e românticos e movida por um “sentimento de missão” de que ao produzir literatura, de alguma forma construíam a identidade nacional. Todavia, com a entrada do século XX, este caráter empenhado se reinventa, e essa “tomada de consciência” volta-se para a desmistificação de uma imagem idealizada do país alicerçada nos mitos românticos. Segundo Luciane Azevedo:

Mais do que propor um gesto transgressivo de negação de uma literatura empenhada, Clarice, de dentro dessa tradição, repensa uma saída para a incômoda alternativa que se impõe ao escritor brasileiro: ou exclusão alienada (e alienante) ou o compromisso empenhado (2007, p.206).

Refletindo sobre essa “tomada de consciência” dos autores quanto ao seu papel, Silviano Santiago (2004) elabora o termo “literatura anfíbia”. Conforme o crítico a dualidade entre arte e política que perpassa a produção literária brasileira contemporânea cai frequentemente em duas armadilhas: o vazio temático e estilístico. Analisando a obra benjaminiana, especificamente o ensaio *O autor como produtor*, Silviano Santiago parece concordar com a afirmação do teórico alemão de que o intelectual burguês, ao representar os excluídos, fala sempre de “um lugar impossível”. Dotado de uma aguda visão da dinâmica que movimenta a sociedade de classe, Benjamin (1994) assevera que a solidariedade do artista deve manifestar-se também na esfera do material e não apenas servir como tema de sua arte ou configurar-se como uma atitude política. O narrador Rodrigo S.M, na tentativa de sair deste “lugar impossível” de intelectual burguês e dar voz à silenciada Macabéa, parece apontar um possível caminho para esse impasse:

Por enquanto quero andar nu ou em farrapos, quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia. Comer a hóstia será sentir o inosso e banhar-se no não. Isso será coragem minha a de abandonar sentimentos antigos já confortáveis. Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina (LISPECTOR, 1999, p. 19-20).

A solução não é tão simples quanto parece. Seria realmente preciso passar pelas mesmas agruras de Macabéa para só assim poder representá-las no plano da escrita? Seria um equívoco acreditar em tal premissa, já que “mesmo a auto – representação, entendida como construção discursiva, não está livre de mascarar a cooptação existente pelas normas que pretendia desmascarar” (AZEVEDO, 2007, p.205). Como podemos constatar, o escritor

seduzido pela literatura “Anfíbia”, retomando a expressão elaborada por Santiago (2004), caminha em terreno instável.

Movido por um sentimento de “compromisso com as minorias”, o intelectual, na ânsia de representá-las, descamba muitas vezes para a mera idealização do Outro e até mesmo para sua desnaturalização. A alteridade do Outro é algo que parece sempre escapar. O narrador Rodrigo S.M sintetiza bem esta problemática: “Tenho um personagem buliçoso nas mãos e que me escapa a cada instante querendo que eu o recupere” (LISPECTOR, p.22). Esta talvez seja uma das grandes questões polemizadas por Lispector em seu último livro: Como falar do outro, ou mesmo para o outro? Afinal, este intelectual, materializado na figura de Rodrigo S.M, não pertence às camadas mais baixas da população. Não sendo, portanto, digno de representá-los.

Diante de questões tão espinhosas, parece realmente que estamos em um beco sem saída. Por outro lado, arriscamos aqui a afirmar que, talvez o simples fato de algumas obras, da Literatura brasileira contemporânea, problematizarem as questões ligadas à representação do Outro poderia ser visto como um avanço. Entre elas, *A Hora da Estrela* (1977) merece lugar de destaque. Conforme Azevedo:

É sintomático que, considerando a *tradição interessada* de nossa literatura, seja justamente em uma obra de Clarice Lispector que todos esses impasses venham à tona de forma quase cínica. Sintomático ainda pelo fato de Clarice Lispector ter merecido atenção da crítica pela resistência que impõe a essa tradição... Chega a ser irônico o fato que, depois de ter pairado sobre ela o rótulo de escritora alienada de estilo “mulherzinha”, *A Hora da Estrela* possa ser encarado como um marco problematizador da representação do outro no panorama literário brasileiro, colocando-se no olho do furacão dessa mesma *tradição interessada* (2007, p.205).

Em *A Hora da Estrela*, há uma tentativa de dimensionar o universo narrativo em dois – ou três – planos simultâneos: a presença de um autor-narrador que se propõe a contar a história da nordestina que, deste modo se inscreve como personagem criada pelo autor, a história de Macabéa, assunto da narrativa de Rodrigo; e um terceiro plano, este, um pouco mais implícito, em que se tem a presença velada da própria autora, Clarice, responsável por toda esta organização discursiva. O resgate da humanidade de Macabéa partirá do propósito de Rodrigo em retirar o escritor – ele mesmo – da sua confortável posição de inventor do mundo e de fatos desligados da realidade: ele irá tentar ceder sua voz à silenciada Macabéa, por meio de um processo de ascese e identificação.

Imbuído de uma “nobre intenção”, Rodrigo S.M deseja contar a história desta personagem, que apesar de ser apresentada ao leitor como ficcional, nasceu de um vislumbre que o narrador teve ao “captar de relance o olhar perdido de uma nordestina na cidade

grande”. Assim, o foco narrativo oscila entre contar a vida de Macabéa e, paralelamente, comentar o processo de construção da narrativa. No entanto, Rodrigo pressente que mesmo se interessando por “fatos” será difícil para ele, como intelectual burguês, abandonar sua “confortável posição” e tocar as margens de um mundo tão distante do seu, desafio este, lançado também ao leitor. Ao dramatizar esta impossibilidade de fuga do “lugar impossível”, Clarice Lispector recusa-se a aceitar a contaminação entre arte e política de maneira fácil. A ironia de seu autor-narrador em relação ao discurso literário surge como marca recorrente de modo a realçar o distanciamento entre narrador, leitor e aqueles que habitam as “franjas da sociedade”:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia. (LISPECTOR, 1999, p.30).

Ao revogar o discurso literário colocando em xeque sua potencialidade de intervenção no *status quo*, Clarice Lispector assume um posicionamento crítico diante da linguagem modelada pela prática ideológica, evidenciando a impossibilidade de tradução marcada pela distância entre o escritor e seu Outro de classe. Consciente dos limites de sua obra, Clarice parece demonstrar em *A Hora da Estrela* certa intolerância em relação a sua própria representação estética. Esta por sua vez representaria apenas de fachada, a perversa realidade dos sujeitos marginalizados, contribuindo assim para a “reificação de todas as relações entre os indivíduos, que transforma suas qualidades humanas em lubrificante para o andamento da maquinaria, a alienação e auto-alienação universais” Adorno (2008, p. 57).

É visível o drama vivenciado por Rodrigo S.M na tentativa de representar, e quem sabe dar voz à Macabéa. Não há muito que contar sobre “as fracas aventuras” desta datilógrafa que tinha como passa tempo preferido colecionar recortes de anúncios publicitários ou ir até o cais do porto admirar os imensos navios que ali atracavam. Além da completa “falta de assunto”, o narrador corre o risco de fracassar em sua representação. Caso sua intenção seja dar voz à miserável nordestina, sua narrativa deverá de certo modo despojar-se de todos os requintes linguísticos e estilísticos para captar a pobreza da personagem:

Sim, mas não esquecer que para escrever não-importa-o-que o meu material básico é a palavra. Assim, é que esta história será feita de palavras que se agrupam em frases e destas se evola um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases. É claro que como todo escritor, tenho a tentação de usar termos suculentos: conheço adjetivos esplendorosos, carnudos substantivos e verbos tão esguios que atravessam agudos o ar em vias de ação, já que palavra é ação, concordais? Mas não vou enfeitar a

palavra pois se eu tocar no pão da moça esse pão se tornará em ouro – e a jovem (ela tem dezenove anos) e a jovem não poderia mordê-lo morrendo de fome. Tenho então que falar simples para captar a sua delicada e vaga existência (LISPECTOR, 1999, p.14-15).

Assim como o narrador não deve fazer a barba e se alimentar frugalmente, parte do ritual ascético em que constitui a narrativa que se propõe a escrever, o uso da linguagem também será feito com parcimônia, respeitando a pobreza e mudez da nordestina. O narrador rejeita a exuberância física do signo – expressa pelos adjetivos materializantes “suculentos”, “carnudos”, “esguios” – em nome da simplicidade e da fome que perpassa todo o universo verbo-físico e existencial de sua personagem. Toda expressão linguística que se imiscui subrepticamente ao processo narrativo perpassa a fala do narrador, uma vez que esse deve se submeter às agruras de seu personagem para captar toda sua dimensão. Desse modo, o silêncio que se instaura na narrativa transforma-se em mecanismo de fala, uma vez que, por meio dele, um grito – ao qual se tem o direito – se anuncia a cada instante. Palavras poludas constratar-se-iam com a fome da personagem.

Ao sabotar o processo de elaboração e construção da própria narrativa, revelando sua tendência a escamotear a realidade dos oprimidos, Clarice Lispector de certa forma se inscreve em uma das características basilares do romance contemporâneo apontadas por Anatol Rosenfeld:

Sem dúvida se exprime na arte moderna uma nova visão do homem e do indivíduo, tentativa que revela no próprio esforço de assimilar, na estrutura da obra de arte e não apenas na temática, a precariedade do indivíduo no mundo moderno (1996, p.97).

Fica evidente que existe entre os críticos até aqui mencionados um consenso: a impossibilidade de desvincular o autor e seu texto das tensões inerentes às contradições sociais e conseqüentemente descartar o caráter ideológico do texto literário e seu poder de reificação. Por outro lado, vale ressaltar o que nos diz Cândido (1987) em seu ensaio *Literatura de Dois Gumes*, a mesma Literatura que propaga a ideologia da classe dominante também é capaz de subverter e “arruinar” o discurso dos “vencedores”, e de algum modo, fazer com que se ouça a voz dos “vencidos”. Assim, na modernidade a representação literária é problematizada e colocada no centro da arena pelos escritores e pela crítica literária, assumindo, entre outras coisas, uma dimensão política.

Parece rondar os autores da contemporaneidade um “certo desconforto” no que diz respeito à questão da representação. Diante de tal impasse, surgem posturas que radicalizam o

processo de criação literária. Entre estes métodos subversivos, Lourival Holanda aponta a recorrência de uma espécie de “negação” do código institucionalizado contaminado pelos velhos clichês:

Parte da literatura moderna se faz pelo prisma da negação. Em termos estreitos de um dualismo rude poder-se-ia dizer: o escritor é um charlatão ou um negador. O confronto com o mundo gera conflito a que o texto tenta resolver, já pela forma: domar a expressão de modo a impedir a ilusão, generosidade, o tom de paternalismo (1991, p.86).

Em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector mina qualquer possibilidade de ilusão, generosidade e paternalismo em relação à sua heroína. Paradoxalmente, seu narrador, Rodrigo S.M ao mesmo tempo em que busca identificar-se e colocar-se ao nível de Macabéa, deixa explícito em seu discurso uma série de estereótipos que reforçam os preconceitos e o processo de exclusão e alienação da nordestina em relação à sociedade de bens e consumo. Deste modo, esta complexa relação de identificação e repulsa parece estabelecer um vínculo mais profundo entre o narrador e sua heroína, e quem sabe, com o leitor: que é o da comum condição humana.

O que Clarice ilumina e problematiza em sua obra é esta “identidade” do humano que ultrapassa questões de gênero, de classe e consciência de mundo. A agressividade, a rudeza e o cinismo que marcam o olhar de Rodrigo S.M sobre Macabéa, “funcionam como estratégias que atuam para desrecalcar as hipocrisias” (AZEVEDO, 2007, p.206). Hipocrisia que se manifesta tanto no plano discursivo da narrativa, que pretende contar a história da nordestina, quanto a que se camufla no interior da sociedade de classe:

Será que eu enriqueceria este relato se usasse alguns difíceis termos técnicos? Mas aí que está: esta história não tem nenhuma técnica, nem de estilo, ela é ao deus-dará. Eu também que não mancharia por nada deste mundo com palavras brilhantes e falsas uma vida parca como a da datilógrafa... A datilógrafa vivia numa espécie de nimbo... Nunca pensara em “eu sou”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado no jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso na vida? Quanto a mim, só me livro de ser apenas um acaso porque escrevo... Para que escrevo? E eu sei? Sei não... (LISPECTOR, 1999, p.36).

Para Rodrigo S.M. o exercício da escrita não é apenas um ato de revolta e denúncia das mazelas sociais. Escrever é uma forma de indagação que nem sempre apresenta uma resposta concreta: “*Este livro é uma pergunta*”. A escrita pode configurar-se também como uma busca de si mesmo, uma forma de autoconhecimento: “Desculpai-me, mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido.” Rodrigo escreve também para adiar a própria

“morte” ou para, quem sabe, também não ser um “acaso” como sua anônima heroína: “Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias.” No fundo, o narrador experimenta um forte sentimento de fracasso da linguagem e a certeza de que a literatura não resolve os problemas humanos. “Quanto a escrever, mais vale um cachorro vivo”.

Diante das questões discutidas até aqui, não podemos perder de vista que: muito mais do que apontar para uma frustrada tentativa de representação do Outro, *A Hora da Estrela*, em última instância, procura desvendar o significado da própria literatura. Desta forma, esta obra singular, deixa de ser uma novela especificamente social para tornar-se, nas palavras de Nunes (1989) “um drama da linguagem” e um questionamento metafísico sobre o significado último da existência.

Todavia, mesmo que a dimensão maior do livro de Lispector não seja a questão da representação das minorias, tal questionamento aparece como algo fantasmagórico que assombra a consciência do narrador Rodrigo S.M. Este por sua vez, parece ter consciência daquilo que Bastos (2006) afirma: “Representar literariamente é um gesto que supõe sujeito e objeto. A relação entre sujeito que representa e objeto que é representado não é, porém, simétrica” (BASTOS, 2006, p.6). Para o estudioso, as dinâmicas que regem as relações políticas e econômicas no interior da sociedade de classe não passam despercebidas pelas grandes obras literárias. Ainda segundo Bastos:

O sujeito da representação não é um ser isolado, mas sempre um sujeito social; segundo porque o objeto não é um dado empírico que estivesse aí sempre dado e disponível. Representação é um ato de poder porque depende, para se efetivar, de alguma capacidade de impor, propor ou negociar. O objeto, por sua vez, não sendo um dado empírico, mas a realidade social e histórica, é negociado por aqueles envolvidos no processo de representação. O campo da representação é, assim, o das contradições sociais (2006, p.6).

Clarice Lispector parece ter clara consciência destas contradições ao trazer para o centro de seu romance as tensões inerentes aos problemas da representação. Como sujeito da enunciação, seu narrador, Rodrigo S.M teme que sua literatura não fala “com e nem sobre” aqueles que tanto deseja representar:

Antecedentes meus do escrever? Sou um homem que tem mais dinheiro do que os que passam fome, o que faz de mim de algum modo um desonesto. E só minto na hora exata da mentira. Mas quando escrevo não minto. Que mais? Sim, não tenho classe social, marginalizado que sou. A classe alta me tem como um monstro

esquisito, a média com desconfiança que eu possa desequilibrá-la, a classe baixa nunca vem a mim (LISPECTOR, 1999, p.18-19).

O narrador parece enfrentar uma difícil constatação: a mesma literatura utilizada para narrar a vida anônima de sua heroína materializa-se como um “luxo”, um bem cultural, uma “mercadoria” inacessível para Macabéa e para os milhões de excluídos que a datilógrafa representa. De certo modo, a adoção da perspectiva externa acentua um item de verossimilhança: como atribuir aos “vencidos” a narração de suas próprias histórias se os mesmos se encontram mergulhados em um universo que os segrega dos bens culturais? Como dar voz a uma heroína incapaz de construir sua própria existência a partir de um plano discursivo? O próprio narrador aponta esta impossibilidade: “Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão” (LISPECTOR, 1999, p.15).

Após realizar uma detida análise da obra de Graciliano Ramos, Hermenegildo Bastos chega à seguinte conclusão:

A obra de Graciliano Ramos é herdeira da arte que se quer autônoma e, por isso, recusa-se colocar-se a serviço de alguma coisa. Só a arte autônoma pode ser crítica. A crítica social só é possível porque o artista avalia os meios e as formas de expressão de que dispõe. Como tal, a arte crítica volta-se sobre si mesma, questiona-se, reformula-se (1998, p.35).

Resguardadas as diferenças de técnica e estilo de cada autor, arriscamos a afirmar que em *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector se inscreve na esteira dos romancistas que buscavam atingir esta arte autônoma, a postura “autoquestionadora” de Rodrigo S.M em relação ao seu ofício de escritor e à sua Literatura evidenciam esta afirmação. No intuito de fundamentar nossas discussões, vale retomar os postulados de Adorno (2008) em *A posição do narrador no romance contemporâneo*, importante ensaio em que o crítico alemão, após um longo estudo sobre a configuração do romance no século XX, assevera que a problematização da linguagem artística foi a grande conquista deste gênero.

Ao abandonar a perspectiva realista tradicional, o romance do século XX abriu novas perspectivas para os estudos da arte crítica. Adorno defende a tese que em um mundo “administrado pela estandarização e pela mesmice” a linguagem da arte é algo que não paira sobre as convenções sociais. A literatura pode configura-se como um artefato, um produto da consciência social, uma visão de mundo; mas também como uma indústria. A obra artística não deve ser vista apenas como uma estrutura de significado – ela também está inserida no mundo reluzente da mercadoria, é produzida e vendida no mercado com lucro. Caso a

intenção do autor seja representar a realidade de maneira crítica, sua atenção deve voltar-se também para esta “via de mão dupla” percorrida pela literatura ou sua obra pode simplesmente caminhar para uma espécie de mistificação desta mesma realidade. Nas palavras de Adorno:

A nova reflexão é uma tomada de partido contra a mentira da representação, e na verdade contra o próprio narrador, que busca, como um atento comentador dos acontecimentos, corrigir sua inevitável perspectiva... O autor, com gesto irônico que revoga seu próprio discurso, exime-se da pretensão de criar algo real, uma pretensão da qual nenhuma de suas palavras pode, entretanto escapar (2008, p.60).

Ainda pela perspectiva do autor:

Contar algo significa ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandarização e pela mesmice. Antes de qualquer mensagem de conteúdo ideológico já é ideológica a própria pretensão do narrador. (ADORNO, 2008, p.56).

Muito mais do que produzir um romance voltado para a denúncia das mazelas sociais, Clarice Lispector, em *A Hora de Estrela*, trilha o caminho do engajamento poético que traz à tona não apenas questões políticas e sociais imediatas, mas também, revela uma problematização mais ampla da realidade a partir do questionamento dos próprios meios poéticos de expressão. Assim, poderíamos dizer que seu “engajamento” revela-se tanto no plano da forma como do conteúdo ao incorporar em sua linguagem artística as tensões políticas e sociais, mesmo que de forma mais implícita.

Para Bastos (2009), as lutas políticas e sociais não acontecem somente no campo da realidade imediata, neste contexto, a literatura também se configura como um território de luta, de ocupação e reivindicação. Mesmo sabendo que a arte literária não tem o poder de modificar as estruturas e contradições sociais, ela pode de algum modo, “iluminar” criticamente estas contradições e paradoxalmente autquestionar-se como reprodutora de tais ideologias:

Por política entenda-se, então, não necessariamente a posição do escritor frente às situações políticas no sentido restrito, mas os modos de a imaginação literária lidar com os limites impostos aos seres humanos na sua luta pela sobrevivência. Vale considerar o ponto de vista de classe do escritor manifestado na organização textual. Por política entenda-se ainda a literatura integrada ao conjunto da vida social onde se produz e reproduz o poder. Política é a literatura porque é um território de luta: para a reprodução da hegemonia e para a produção de contra-hegemonias. Aí se produzem significados, tanto os que constroem e perpetuam o poder quanto os que o podem contestar (BASTOS, 2009, p.02).

Ao colocar em xeque os estatutos narrativos tradicionais, ao duvidar da capacidade de sua literatura em apreender o real, Clarice Lispector transfigurou para a tessitura do texto o impasse do escritor contemporâneo diante das mazelas brasileiras. *A Hora da Estrela* coloca no centro das discussões questões que dificilmente terão uma resposta definitiva. Entre elas, a real possibilidade de captar a alteridade do Outro de Classe por meio da sensibilidade artística. Ítalo Calvino (2007), em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*, parece compartilhar desta mesma angústia do escritor, do leitor e do estudioso da Literatura contemporânea:

Quem me dera fosse possível uma obra concebida fora do *self*, uma obra que nos permitisse sair da perspectiva limitada do eu individual, não só para entrar em outros eus semelhantes ao nosso, mas para fazer falar o que não tem palavra, o pássaro que pousa no beiral, a árvore na primavera e a árvore no outono...” (CALVINO, 2007, p.138).

Ousamos aqui a acrescentar: quem nos dera fosse possível, em um mundo “administrado” conceber uma obra realmente capaz de dar voz aos excluídos, aos milhares de Fabianos e Macabéas que a sociedade empurra para as fronteiras do anonimato. Eis, quem sabe, a grande indagação deixada por Clarice Lispector em seu último livro.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas cidades. Ed. 34, 2008.
- AZEVEDO, Luciane. Representação e performance na Literatura contemporânea. In: *Revista Cerrados*, Brasília, nº 24, p. 203 – 217, jun. 2007.
- BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do Cárcere: Literatura e testemunho*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- BASTOS, Hermenegildo. O que vem a ser representação literária em situação colonial. Disponível em: <<http://www.onda.eti.br/revistaintercambio/conteudo/arquivos/1351.doc>>. Acesso em: 19 Jan. 2012.
- BASTOS, Hermenegildo. A literatura brasileira, a ocupação da terra e o despojo: comentários ao “deslocamento da imaginação no espaço” de um capítulo da Formação. In: *Revista Água Viva – Revista de Estudos Literários* Publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Literatura - UnB – TEL – Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Brasília, 2009.
- BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e Antes. In: *Teresa revista de Literatura Brasileira*. São Paulo, n.02, p.249 – 259. 2001.
- CÂNDIDO, Antônio. Literatura de dois gumes. In: _____. *A educação pela noite & outros ensaios*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Itatiaia, 2000.
- HOLANDA, Lourival. *Sob o Signo do Silêncio*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para um novo milênio*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- NUNES, Benedito. Clarice Lispector ou o Naufrágio da Introspecção. In: *Revista Remate de Males*, n. 9 – Revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Ciências da Linguagem – UNICAMP. Campinas: Unicamp, 1989.

SANTIAGO, S. O cosmopolismo do pobre. In: _____. *Crítica Literária e Cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o Romance Moderno. In: _____. *Texto/Contexto*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

Recebido em fevereiro de 2012.

Aceito em abril de 2012.